

A importância da literatura visual como prática de letramento na educação do estudante surdo

Maria Lourdes de Moura¹

Resumo: O ato de contar histórias é um hábito tão antigo quanto a civilização e esteve presente em diferentes culturas, atuando como um dispositivo para a aprendizagem de forma lúdica e afetiva. As histórias e as representações da cultura surda, caracterizada pela literatura visual, evidenciam o caminho da autorrepresentação dos surdos na luta pelo estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, legitimando sua língua, suas formas de narrar as histórias, e se narrar. Assim sendo, a didática cultural surda vem orientando para uma educação com nas metodologias visuais, nas práticas de letramento tanto visual quanto linguístico, com recursos de imagens, associados as informações de textos que narrem as vivências surdas. Materiais pedagógicos que façam parte do mundo real desses sujeitos e que possam ser trabalhados na perspectiva dos letramentos onde o visual e o imagético são usados com grande relevância para estas produções. Por isso a proposta do uso da literatura visual ou literatura surda vem ao encontro dessa necessidade, pois culturalmente é através das produções literárias que as pessoas exploram a imaginação, contam história, manifestam emoções e transmitem elementos às gerações posteriores. Assim sendo, esse estudo está organizado a partir da metodologia bibliográfica e objetiva discutir a importância da literatura visual como recurso que amplia a condição de letramento e desenvolvimento das crianças e jovens surdos no ambiente escolar.

Palavras-chave: Literatura Visual; Cultura Surda; Educação e Desenvolvimento.

¹ Professora Dra. em Letras, docente de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Língua Brasileira de Sinais na Rede Estadual de Ensino; Professora do Programa de Educação Especial - PEE/Unioeste Toledo; Pesquisadora da Educação Básica e Educação de Surdos. Integrante dos grupos de pesquisa PORLIBRAS – Grupo de Estudos e Pesquisas para a investigação da Libras em Interface com a Língua Portuguesa Brasileira - UNIOESTE, e Grupo de Estudos GPEA – Grupo de Pesquisa em Ensino e Aprendizagem – FAG Toledo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2626832732460366>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0246-9155>. E-mail: maria.moura3@unioeste.br

The importance of visual literature as a literacy practice in the education of deaf students

Abstract: Storytelling is a habit as old as civilization and has been present in different cultures, acting as a device for learning in a playful and affective way. The stories and representations of deaf culture, characterized by visual literature, highlight the path of self-representation of deaf people in the struggle to establish what they recognize as their identities, legitimizing their language, their ways of telling stories, and narrating themselves. Therefore, deaf cultural didactics has been guiding towards an education with visual methodologies, in both visual and linguistic literacy practices, with image resources, associated with information from texts that narrate deaf experiences. Pedagogical materials that are part of the real world of these subjects and that can be worked on from the perspective of literacy where the visual and imagery are used with great relevance for these productions. Therefore, the proposal to use visual literature or deaf literature meets this need, because culturally it is through literary productions that people explore their imagination, tell stories, express emotions and transmit elements to future generations. Therefore, this study is organized based on bibliographic methodology and aims to discuss the importance of visual literature as a resource that expands the literacy and development conditions of deaf children and young people in the school environment.

Keywords: Visual Literature; Deaf Culture; Education and Development.

Introdução

Contar histórias é uma arte milenar, presente em diferentes culturas. Embora em textos escritos antigos encontrem-se relatos e fragmentos da tradição oral, a preocupação com o registro escrito e a publicação dos contos populares é de certo modo recente. De modo semelhante, a literatura surda carrega uma tradição de transmissão da cultura surda, através de histórias que são contadas em línguas de sinais tanto presencialmente quanto pelos meios midiáticos.

Assim, a didática cultural surda vem orientando para uma educação com base nas metodologias visuais, com trabalhos planejados, com recursos de imagens, associados as informações de textos que narrem as vivências surdas. Materiais pedagógicos que façam parte do mundo real desses sujeitos. Por isso a proposta do uso da literatura visual ou literatura surda vem ao encontro dessa necessidade, pois culturalmente é através da literatura que as pessoas exploram a imaginação, contam história, manifestam emoções e transmitem elementos às gerações posteriores. Além disso, a prática da produção literária envolvendo cenas que remetem às vivências, podem despertar interesses para uma compreensão maior do que é de circulação social, tanto em imagens quanto em textos. Desta forma valorizamos o trabalho da literatura surda tanto como uma prática de letramento linguístico que auxiliará o estudante no desenvolvimento de suas habilidades de leitura e escrita, como também uma prática de letramento visual que favorece ao surdo a possibilidade de aprender interpretar imagens e outros recursos visuais.

Segundo Soares (1998), o letramento precisa ser usado de maneira eficiente na educação dos surdos, pois essa prática dá prioridade à língua de sinais em todas as situações, uma vez que a língua portuguesa escrita é ensinada como segunda língua. A prática do letramento, faz uso de imagens, gravuras, juntamente com textos, fazendo com que a leitura se torne interessante e de fácil compreensão, dessa maneira, o aluno não-ouvinte poderá visualizar não só o texto, mas o que as imagens representam, e quais os significados das palavras em diferentes contextos, e a partir daí poderão surgir várias interpretações.

O presente trabalho tem como objetivo, portanto, discutir acerca da prática de ensino da língua portuguesa e língua brasileira de sinais, a partir da literatura surda ou literatura visual, reforçando a identidade surda da criança e lhe possibilitando uma formação crítica e autônoma de cidadão que pode se narrar ou entender as narrativas das pessoas com quem tem contato, na sociedade em que se encontra. A literatura surda, portanto, representa uma excelente ferramenta facilitadora no desenvolvimento de aquisição de diferentes conceitos sobre contextos que poderão fazer parte dos cenários trabalhados nas histórias lidas ou criadas pelos estudantes surdos.

A cultura e a Língua de Sinais para o sujeito surdo ao longo da história

O tratamento oferecido às pessoas surdas sempre esteve diretamente relacionado aos fatos que marcaram a história, bem como dos valores e crenças mantidos pela comunidade. O surdo tem como exemplo uma amarga e triste história para que a sociedade hoje repense e reavalie as formas de dominação buscando perceber e valorizar as diferenças humanas.

Através do estudo destes fatos, pode-se perceber que a pessoa surda nem sempre foi respeitada pela sua diferença. Durante a antiguidade e por toda a idade média, acreditava-se que as pessoas surdas fossem desprovidas da capacidade de raciocinar e não pudessem ser educáveis. E neste período são poucas as referências encontradas sobre o modo de educá-los (Lacerda,1996).

Segundo Soares (1999), durante a idade média e começo da idade moderna, indivíduos surdos, assim como todos os tipos de deficientes, foram alvo de interesse pela parte médica e religiosa. Eles tornavam-se um desafio para os estudos na medicina e ajudá-los fazia parte dos preceitos religiosos. Nessa época, começaram a surgir os preceptores, pessoas que eram contratadas para ensinar os surdos a falar e que aos poucos também ensinavam a ler e a escrever.

De acordo com a pesquisadora, as primeiras preocupações quanto ao modo de educação de surdos, podem ser atribuídas a Gerolamo Cardano (1501-1576), que foi um matemático, médico e astrólogo italiano. Cardano, é considerado como um dos primeiros educadores de surdos, por sua estimada preocupação com a educação desse grupo de estudantes. Ele afirmou que a escrita poderia representar os sons da fala ou ideias do pensamento, sendo que a surdez não se constituía num impedimento para o desenvolvimento do conhecimento.

A partir das constatações feitas por Cardano, começavam a surgir os procedimentos pedagógicos para a educação de surdos, que se iniciou através da tentativa da leitura labial, com métodos que proporcionassem uma imitação dos movimentos da língua, além da utilização do tato para observar as vibrações da laringe. Nesse período em diante, passou-se a acreditar que o surdo pudesse realmente aprender a falar, e pelo

desenvolvimento do pensamento, pudesse adquirir conhecimento e se comunicar com o mundo ouvinte.

Seguindo as ideias de Cardano, educadores da época passaram então a afirmar que era possível utilizar a capacidade do surdo em relacionar as palavras escritas com os conceitos, sem necessariamente necessitar da fala. E com o descobrimento desta capacidade do surdo em aprender, a escrita começou a ser considerada um importante recurso, já que existia o aproveitamento da visão.

As primeiras informações especificando os métodos para o ensino à crianças surdas datam por volta do século XVI na Espanha com Pedro Ponce de Leon e teve como primeira ênfase a fala de crianças surdas. Basicamente o ensino começava com a escrita de nomes e objetos, passando para a articulação e associação da palavra escrita e falada (Lacerda,1996). Porém, não existe nenhuma publicação descrevendo a metodologia de trabalho de Leon, sabe-se apenas que seus métodos traziam bons resultados.

A partir desta época, autores publicaram várias obras sobre educação e comunicação de surdos, mas foi com o abade francês de L'Épée que estes estudos começaram a se intensificar. De L'Épée, com o apoio dos filósofos da época, inconformado e preocupado com a educação dos surdos, mostrou que estes também poderiam levar uma vida social digna.

De acordo com Soares (1999), De L'Épée foi o criador da primeira escola para surdos e que pelo fato da grande quantidade de alunos ingressantes, acabava não tendo tempo suficiente para ensiná-los a desenvolver a tentativa da fala, recorrendo deste modo, a uma forma de comunicação mais rápida através da mímica.

Assim, o abade aprendeu a Língua de Sinais que os surdos utilizavam na França e com a associação de figuras, sinais e a escrita, ensinou-os a ler, dando-lhes conhecimento do mundo, fato que ainda ninguém nunca havia feito.

Nos fins de 1860 começaram a surgir escolas que praticavam o método oral na educação das crianças surdas e muitos reformadores tentaram derrubar as escolas que faziam uso da Língua de Sinais. Foi então que tentou-se banir o emprego da Língua de Sinais dentro e fora das salas de aula, sendo substituído pelo oralismo. A proibição da utilização de sinais durou aproximadamente 100 anos. As pessoas surdas foram proibidas de usar de sua forma natural de comunicação, muito embora

alguns ainda a usavam em ambientes escondidos. No fim da década de 1960, a Língua de Sinais voltou a ser considerada importante na educação de crianças surdas. (Sacks,1998).

Esta mudança foi consequência de muitos fatores tais como a publicação da pesquisa desenvolvida pelo pesquisador da Língua de Sinais Americana ASL, professor Dr. Willian Stokoe, em 1960, sobre a estrutura das Línguas de Sinais. A pesquisa mostrou que, na comparação realizada em crianças surdas de pais surdos que usavam Língua de Sinais, se percebia melhor desenvolvimento educacional, em relação a crianças surdas de pais ouvintes (que não utilizavam a Língua de Sinais); um outro fator importante também foi a insatisfação de alguns adultos surdos, quanto a educação oralista pela qual passaram.

Segundo Sanchéz, “desde hace más de un siglo, y hasta nuestros días, la sordera perdió el derecho de ocupar un lugar en la sociedad, y sus manifestaciones fueron encarnizadamente reprimidas. Las personas sordas fueron segregadas, desplazadas y rechazadas por el hecho de no poder hablar con palabras, como lo hace la mayoría” (Sanchéz, 1999, p. 170).

De acordo com (Sanchéz, 1999) o autor, o surdo ainda nos dias atuais enfrenta uma grande situação de dominação e discriminação, por ser um indivíduo apenas desprovido da audição, o que não significa incapacidade física ou intelectual.

A história dos surdos contada a partir das instituições educativas não é tudo, existe também uma história que os próprios surdos construíram, não a partir de concepções ouvintistas² mas, a partir de fatores relacionados com certas formas de organização social através de comunidades singulares, construídas de maneira independente e criativa pelos próprios surdos.

Nesse sentido, é importante o reconhecimento social e político da língua de sinais pois, "é através da linguagem que os indivíduos interatuam ao mesmo tempo em que internalizam conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite o desenvolvimento das funções psicológicas" (Fernandes, 1995/1996, p. 17).

Assim sendo, a Língua de Sinais é uma língua natural, com organização em todos os níveis gramaticais prestando-se às mesmas funções das línguas orais. Sua produção é realizada através de recursos gestuais e espaciais e sua percepção é denominada uma língua de

² Palavra usada por Skliar (1998) significando ouvintes.

modalidade gestual, visual, espacial. No entanto, o surdo ao adquirir uma segunda língua, Língua Portuguesa, cuja estrutura gramatical se difere consideravelmente de sua língua natural, Libras, apresenta dificuldades em relação ao uso de preposição, tempos verbais, sufixação, prefixação, concordância nominal e verbal, enfim no que se refere aos componentes estruturais de sua organização.

Alguns surdos desenvolvem a língua escrita do português com êxito e muito próxima dos padrões de um ouvinte. O que acontece que esse número é tão insignificante que não podemos generalizá-los e, na maioria das vezes, ao investigarmos os motivos de seu sucesso, nos deparamos com o apoio de uma família bem estruturada, que lhe proporciona experiências significativas com a linguagem. Realidade esta que não representa a maioria.

Nesse sentido, afirmamos que, de modo semelhante à oralidade para o ouvinte, a língua de sinais organiza, de forma lógica, as ideias dos surdos e acaba tendo sua estrutura gramatical refletida nas suas atividades escritas.

O surdo, no entanto, para ser reconhecido socialmente, vem construindo sua incrível e triste história, como diz Sánchez (1999), que por fazer parte de um grupo linguístico menor, sua língua é deixada de lado, para ele enquadrar-se nos esquemas reconhecidos pelos grupos maiores.

Desta forma, apesar de grandes lutas e esforços de educadores e da própria família, o estudante surdo chega a iniciar sua escolaridade, mas sofre para permanecer em sua formação, por ter que se submeter às exigências de metodologias voltadas para estudantes ouvintes, e por essa razão, muitos surdos não conseguem permanecer até concluir o curso.

A fim de encontrar caminhos que corroboram com um ensino e aprendizado que contemple as necessidades do estudante surdo, pesquisas mostram que as práticas de sala de aula amparadas nas estratégias visuais tem dado certo para o entendimento dos conteúdos e para o desenvolvimento linguístico do estudante surdo, pois tanto o uso dos recursos do letramento visual quanto com o trabalho da leitura e interpretação de textos através das práticas de letramento linguístico são meios pelos quais o estudante, com o uso de imagens, consegue entender com mais clareza a mensagem e conceitos que estão sendo passados. Na próxima sessão discutiremos sobre a importância da literatura visual ou literatura surda no desenvolvimento da criança surda.

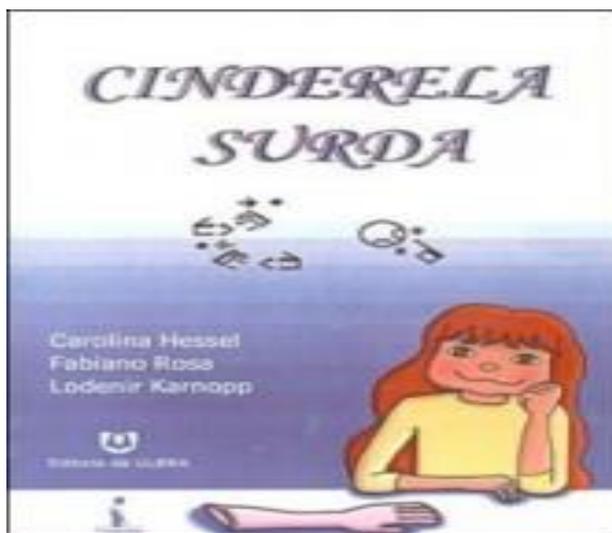
Literatura Visual: um caminho possível como estratégias de ensino e aprendizado no desenvolvimento da linguagem para o estudante surdo

A linguagem é a expressão dos valores, da cultura e da política de um povo. Os surdos somente poderão expressar seus próprios valores culturais e religiosos, através de sua própria língua, e para que esse aprendizado aconteça de forma adequada, um dos caminhos metodológicos que tem dado certo no desenvolvimento da criança e adolescente surdos, é o ensino ser ofertado seguindo as proposições da metodologia visual que orienta o trabalho ser efetuado dentro dos recursos visuais, e a literatura surda ou literatura visual traz um repertório de recursos didáticos com imagens, sinais em libras, escrita de sinais³ e escrita em português, narrando belas histórias de personagens surdos que apresentam vivências semelhantes ao cotidiano das crianças e adolescentes surdos, histórias que motivam os estudantes e despertam neles a vontade de ler e se desenvolver cada vez mais. De acordo com Strobel, “Se os surdos tiverem contato com a língua de sinais desde cedo; a criança surda poderá sentir como as outras crianças, fazer as perguntas e obter as respostas, ou seja, a curiosidade da criança surda será satisfeita muitas vezes e terá maior acesso às informações” (Strobel, 2008, p.47).

Dessa forma, tanto a escola como as próprias famílias podem possibilitar às crianças surdas esse auxílio na leitura e entendimento de histórias e narrativas que se assemelham ao mundo dos surdos. Sánchez (1999), em seu artigo publicado sobre a língua de sinais e a importância da literatura visual, explica que há necessidade de incentivar as crianças surdas aprender a cultura e histórias de experiências de outros surdos com os jeitos de ser surdo, seus pares que vivem situações semelhantes, e essas histórias podem ser encontradas na literatura surda.

Se os surdos tivessem uma experiência mais intensa com narrativas, com textos literários (em sinais ou através de leituras), nas escolas ou em seus lares, com os professores ou pais contando histórias, teriam mais possibilidade de usar a imaginação, a criatividade e a emoção e poderiam se tornar

³ A escrita de sinais mais conhecida é denominada Signal Writer e está presente nas obras da literatura visual ou literatura surda.



Fonte: ENSINOLIBRAS (2017).

Com o tempo algumas histórias vão se modificando, mas sempre preservando a fórmula do divertimento, a magia e o encantamento que faz com que a criança ou o adolescente desenvolva sua imaginação, se coloca como personagem principal da história, se transforma no herói ou no mocinho, se encanta, aprende novas palavras, novos sinais, enfim, em todos os sentidos a literatura, na mesma proporção de importância que é para os ouvintes, também é para os surdos. Além disso, as imagens possibilitam uma ampla experiência visual, ajudando o leitor surdo a entender de forma mais clara o desenrolar da história. “As crianças surdas desenvolvem aprendizagens através da leitura e da experiência visual, porém sozinhas não têm poder de se formar como leitoras e de serem também leitores visuais - necessitam do livro, de textos e de imagens para que possam desenvolver sua capacidade visual e de leitura (Rosa, 2006, p. 59).

O autor reforça nessa colocação, a importância do trabalho dos que ficam a frente da educação das crianças e adolescentes surdos, principalmente no papel da escola, no compromisso do letramento dos estudantes surdos, possibilitando-lhes acesso a materiais com recursos visuais, como livros, textos e imagens que corroboram para a construção da consciência de mundo, relacionando a interpretação com a realidade destes estudantes.

Mesmo sendo livros bem ilustrados, voltados para a cultura ouvinte, o surdo tendo acesso a esta leitura, de forma clara, poderá adaptar esta história, seus personagens e enredo para a cultura surda, deixando este material tão ou mais rico de informações do que já traz em seu original. Mas para este exemplo de atividade, a criança ou adolescente surdo terá que ser auxiliado, motivado muitas das vezes, pelo seu professor, que lhe oriente em como fazer, além do auxílio em Língua de Sinais, para que possa interagir com a obra. Desta forma se faz necessário o trabalho do profissional Interpretete ou de um professor bilingue, no atendimento a estas atividades de leitura e letramento visual.

Segundo Lopes e Veiga Neto (2006), a cultura surda e literatura é experiência visual-espacial e é desenvolvida a partir da língua de sinais própria da comunidade surda para os surdos.

O olhar para o surdo, muito mais do que um sentido, é uma possibilidade de ser outra coisa e de ocupar outra posição na rede social. O olhar entendido como um marcador surdo é o que permite o contemplar-se, é o que permite ler um modo de vida de diferentes formas, é o que permite o cuidado de uns sobre os outros, é o que permite o interesse por coisas particulares, é o que permite interpretar e ser de outra forma depois da experiência surda, enfim, o olhar como uma marca, é o que permite a construção de uma alteridade surda (Lopes e Veiga Neto, 2006, p. 90).

Segundo as autoras, conhecer a cultura surda e ter contato com a língua de sinais é fator primordial para os profissionais que trabalham com surdos, pois sem essa condição, fica difícil enxergar o sujeito surdo e sentir o cuidado com esse ser que vê o mundo de uma forma silenciosa e dinâmica de ser.

A língua de sinais, portanto, é indispensável para o aprendizado da criança surda, pois como primeira língua é a mediadora para a aquisição da segunda língua e assim, aos poucos, o desenvolvimento da criança e adolescente surdo vai acontecendo naturalmente. Porém, se esta criança não ter estimulação adequada na fase inicial de seu aprendizado ficará mais propensa a não conseguir acompanhar com tranquilidade os conteúdos da escola e fora dela também. E o resultado visto em muitos casos de insucesso escolar de estudantes surdos que foram negligenciados nas suas condições de aprendizagem, com encaminhamento inadequado

das práticas pedagógicas. Assim sendo, no contexto escolar há que se ter o cuidado para não acabar tomando a deficiência da audição como fator central nas relações estabelecidas, se esquecendo da singularidade deste sujeito (Fernandes, 2012, p. 68).

Os estudantes surdos, muitas vezes, não são estimulados e valorizados, mas tratados com certa indiferença em alguns contextos educacionais. Em relação ao papel dos professores eles “não devem se concentrar tanto na incapacidade linguística que o aluno surdo pode apresentar, mas sim em estimular suas capacidades psíquicas e cognitivas.” (Souza, 2007, p. 73).

O trabalho com a literatura visual em sala de aula é um recurso de letramento visual de extrema relevância para o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, do despertar artístico da criança e adolescente surdo, pois nessas interações a partir da língua de sinais, ele tem condições de criar e recriar um mundo de fantasias que transcende suas aparentes dificuldades. Desta forma, possibilitar estratégias de leitura, interpretação de imagens, conhecimento de novos vocabulários, são práticas pedagógicas que vem ao encontro das necessidades destes estudantes, possibilitando-lhes diferentes formas de se expressarem em suas criações.

“Nas comunidades surdas existem piadas e anedotas, conhecimentos de fábulas ou conto de fadas passado através da família, até adaptações de vários gêneros como romance, lendas e outras manifestações culturais, que constituem um conjunto de valores e ricas heranças culturais e linguísticas [sic]” (Mourão, 2012, p. 3).

Outro fator importante que a escola pode promover com os estudantes surdos incluídos em classes de ensino regular, é a socialização das produções artísticas da comunidade surda. Convidar surdos mais adultos, representantes de suas comunidades para vir na escola narrar suas histórias, falar da língua de sinais, contar piadas dos surdos e mostrar o que são capazes de realizar. Esses eventos enriquecem ambas as culturas e tem uma importância fundamental para as crianças e adolescentes surdos.

Segundo Karnopp (2010), analisando histórias feitas por surdos, observa as motivações que levam a estas produções, muitas vezes apresentando sua alteridade e sobrevivência.

Dos materiais analisados, percebe-se que surdos contadores de histórias buscam o caminho da autorrepresentação na luta

pele estabelecimento do que reconhecem como suas identidades, através da legitimidade de sua língua, de suas formas de narrar as histórias, de suas formas de existência, de suas formas de ler, traduzir, conceber e julgar os produtos culturais que consomem e que produzem (Karnopp, 2010, p. 172).

Assim sendo, a literatura surda é uma forma de mostrar o valor e o respeito pela cultura e suas identidades. “É uma arte feita pelo surdo, com histórias de surdos e voltada para o público surdo. E por esta razão, faz-se necessário viabilizar uma produção em forma de imagens para criar condições que atenda a característica viso espacial do surdo” (Strobel, 2008, p. 61). São memórias de vivências que atravessam gerações, cultivando a tradição do povo surdo de diferentes gêneros, criados e recriados, adaptados, traduzidos, narrados, encenados, declamados, recitados sobre as histórias e vivências do povo surdo. Manifestações culturais que enriquecem tanto surdos quanto ouvintes que com eles têm contato.

Letramento visual e Letramento Linguístico no desenvolvimento das habilidades leitoras do estudante surdo

O letramento linguístico e o letramento visual, no contexto da educação de surdos, são abordagens distintas que visam a aquisição e utilização da língua e da comunicação visual, respectivamente. O letramento linguístico foca na capacidade de usar, no caso do estudante surdo, a língua escrita para se comunicar e compreender informações, enquanto o letramento visual se concentra na interpretação e criação de mensagens através de imagens e outros elementos visuais.

Conforme Soares (1998, p. 58) "o letramento linguístico é uma metodologia que ultrapassa as habilidades de codificação e decodificação de signos e pressupõem usos de leitura e escrita, comportamentos centrais no mundo atual". Ou seja, é dependente de condições, entre elas, escolarização real e afetiva e disponibilidade de material de leitura. Desta forma, letramento é o caminho que o sujeito realiza para chegar ao estado daquele que não só sabe ler e escrever, mas também faz uso competente e frequente da leitura e da escrita, e que, ao tornar-se letrado, muda seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura.

Para o estudante surdo, segundo Quadros (2006), o contato com o letramento abre um caminho que facilitará o aprendizado tanto de palavras e conceitos do português escrito, quanto de novos sinais, pois através do conhecimento dos textos de circulação social que fazem parte do cotidiano do aluno, ele terá oportunidade de sanar dúvidas e questionamentos acerca de termos desconhecidos por ele, levando a uma interpretação e compreensão mais coerente do texto. Ao fazer uso dessa metodologia, o professor deve ter em mente que, tal processo precisa ter muitos estímulos visuais para que o aluno surdo possa compreender sem grandes dificuldades o que está sendo proposto, e ser trabalhado, de preferência, em língua de sinais.

A partir do letramento, portanto, o surdo passará a ter um contato diferenciado com as informações veiculadas na língua portuguesa, na modalidade escrita, uma vez que sua produção textual difere dos ouvintes, haja vista a gramática da Libras não seguir as mesmas regras da gramática do português. A este respeito Quadros afirma que:

Atualmente a aquisição do português escrito por crianças surdas ainda é baseada no ensino do português para crianças ouvintes que adquirem o português falado. A criança surda é colocada em contato com a escrita do português para ser alfabetizada em português seguindo os mesmos passos e materiais utilizados nas escolas com as crianças falantes de português. Várias tentativas de alfabetizar a criança surda por meio do português já foram realizadas, desde a utilização de métodos artificiais de estruturação de linguagem até o uso do português sinalizado (Quadros, 2006, p.23).

Num primeiro momento a autora sugere que as instituições de ensino valorizem a libras em seus currículos, dando oportunidade de ensino diferenciado (Educação bilíngue – Língua de Sinais como L1 e Língua Portuguesa L2) para os surdos, a fim de que possam assumir suas identidades. Desta forma, propõe-se que o método de ensino da língua portuguesa para o estudante surdo seja desenvolvido pelo letramento, desta maneira, ele aprenderá melhor por meio dos recursos visuais contemplados no letramento.

Dondis (2007, p. 227), refletindo sobre o conceito de letramento visual ou alfabetização visual, afirma ser estas habilidades condições do sujeito agir de forma sistematizada na interpretação dos sentidos da

leitura, na apropriação das habilidades e técnicas de ler as imagens e demais materiais visuais entendendo um universo de significados que lhe permite um entendimento maior do conteúdo.

Santaella (2012), também discorre sobre o letramento visual ou alfabetismo visual, afirmando que para o leitor ter êxito no desenvolvimento desta habilidade, ele precisa desenvolver a capacidade de ler a imagem por parte, desmontá-la, decifra-la, decodificá-la, enfim, interpretá-la, esse procedimento seria equivalente ao processo de leitura em voz alta, seria então, segundo a autora, uma atividade didática do letramento visual.

A alfabetização visual significa aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, [...]. Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são os seus modos específicos de representar a realidade. (Santaella, 2012, p. 13).

O estudante precisa, portanto, saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu contexto de referência, qual o sentido que a imagem traz sobre a realidade em que está inserida.

O apelo imagético representa o uso de imagens no trabalho com textos, principalmente de circulação social, que são as demandas maiores de leituras no dia a dia das pessoas surdas. A interpretação de imagens é fundamental no letramento, pois a linguagem visual é a forma natural de comunicação para essa população. Imagens ajudam a contextualizar informações, facilitam a compreensão e ampliam a capacidade de leitura e escrita, tornando o processo de letramento mais acessível e significativo. Essas práticas pedagógicas visuais circulam e permeiam outras práticas no contexto da educação bilingue, que tem como predominância tanto no processo de letramento visual quanto no processo de letramento bilingue para o surdo.

Conforme Botelho (2002) o letramento bilíngue para alunos surdos baseia-se no uso constante de imagens, visto que o surdo é um sujeito visual, assim, a compreensão do português escrito parte do aspecto visual da escrita, ou seja, a imagem acompanhada da palavra. A partir daí ocorre a necessidade da utilização de práticas discursivas, para que o surdo obtenha suas próprias práticas e que gerem significado através da linguagem que este sujeito exerce.

Assim sendo, percebemos que na educação bilíngue para os surdos, as duas práticas de letramento são recurso que fazem a diferença no ensino da língua portuguesa, garantindo bons resultados, pois vem ao encontro das necessidades visuais desse sujeito. O professor que trabalha com o método de letramento, tanto linguístico quanto visual, poderá utilizar diversos recursos e materiais a fim de despertar nesses estudantes o incentivo à leitura e escrita, a interpretação das imagens, ou ainda a criação de histórias com ilustrações e imagens que os próprios surdos podem desenvolver. Dentro da prática do letramento o docente poderá fazer uso de livros ilustrados, DVDs, materiais concretos, dicionários entre outros. Botelho (2002) afirma que:

Muitos surdos desenvolvem práticas de leitura e de escrita, e seus resultados constituem indicativos de letramento escolar, com maiores competências para ler e escrever em diferentes graus, permitindo-lhes usar socialmente a leitura e a escrita e servir-se delas para finalidades individuais e sociais. Os surdos que não estão imersos em tais práticas pouco usam socialmente a leitura e a escrita, apresentando outros resultados (Botelho, 2002, p. 66).

Conforme a autora, com a prática de letramento em sala de aula, a leitura e a escrita se tornarão mais prazerosas, principalmente se a comunicação ser feita em língua de sinais, deixando o aprendiz mais seguro. Outra razão é que o aluno poderá fazer correlações das informações que circulam no meio social, com o que foi aprendido em sala de aula, além de desenvolver suas próprias criações artísticas no campo da literatura e outras produções.

Ainda como suetão, pode-se colocar a possibilidade de o professor organizar aulas de língua portuguesa, a partir de um folder promocional de produtos do supermercado, trabalhando os conceitos das

palavras que ali aparecem, ou ainda ler mapas, interpretar desenhos, compreender expressões faciais, utilizando Libras em gestos e sinais. Outra estratégia é o trabalho com folhetos de campanhas na área da saúde, como a cartilha da dengue que orienta sobre os cuidados em relação a proliferação do mosquito transmissor. Para essa atividade, o professor poderá usar as cartilhas distribuídas nas Unidades de Saúde locais, montando aulas sobre os significados das palavras no contexto em que a cartilha aparece, e apresentando as imagens que nela estão impressas.

A exemplo dos materiais citados, outros tantos de circulação social, que fazem parte do dia a dia das crianças surdas podem ser usados para organizar aulas de letramento para o ensino de língua portuguesa e outras disciplinas. Estratégias visuais no ensino e aprendizado do estudante surdo são recursos que fazem a diferença e deixam os conteúdos com um sentido maior.

Considerações finais

Nestas rápidas reflexões descritas nesse trabalho, a intenção foi discutir a relevância no uso das práticas do letramento, tanto visual quanto linguístico, como ferramenta de apoio nos recursos visuais para uma maior compreensão dos conteúdos por parte do estudante surdo. Tais recursos exploram a condição imagética do estudante na leitura de imagens para melhor interpretar e construir significados através de elementos visuais nos textos, principalmente de circulação social, que são, muitas vezes, as maiores demandas de leituras no dia a dia das pessoas surdas. A interpretação de imagens é fundamental no letramento, pois a linguagem visual é a forma de pensar desses sujeitos e ao mesmo tempo, a construção de comunicação, representando assim, a mola propulsora em suas criações artísticas e literárias, narrando histórias e se auto narrando também.

Assim, as práticas de letramento podem facilitar o acesso aos materiais da literatura surda ou literatura visual, possibilitando-os, desde cedo, conhecer as histórias e o jeito de ser do povo surdo, compartilhar suas experiências visuais, criando também suas histórias, suas narrativas para outros surdos entenderem a partir das imagens, trocas de vivências,

traduções e adaptações de histórias de ouvintes para o contexto surdo e demais informações que caracterizam o mundo dos surdos.

A partir do exposto, é possível hoje perceber uma grande mudança na história deste grupo que emerge de um contexto de invisibilidade, sofrimento e desrespeito, para uma condição de superação, construindo outra realidade que lhes possibilite uma melhor acessibilidade na sociedade, de riqueza linguística e produções artísticas variadas.

A literatura surda, portanto, é um dos recursos didáticos melhores que se tem para trabalhar a linguagem dos surdos, sua imaginação, sua criatividade, seu intelectual, preparando-os para outros desafios maiores na sociedade onde estão inseridos. Além disso, outro aspecto de grande relevância para o surdo é a condição de autoestima desse estudante, quando percebe que é capaz de produzir suas histórias e entender também as histórias produzidas por outros surdos.

Referências

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**. Ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ENSINOLIBRAS. **Literatura Surda**. Publicado em 16 de junho de 2017. Disponível em: <https://ensinolibras.wordpress.com/2017/06/16/literatura-surda/>. Acesso em 20 de jun. 2025.

FERNANDES, Eulália. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: Artmed, 1995/1996.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Produções culturais surdos: análise da literatura**. Cadernos de Educação. FaE/PPGE/UFPE. Pelotas, v. 36, p.155-174, maio/agosto 2010.

LACERDA, C.B.F. de. **Os processos dialógicos entre aluno surdo e educador ouvinte**: Examinando a construção de conhecimentos. Campinas: Unicamp, Faculdade de Educação, tese de doutoramento, 1996.

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. *In*: **Revista**

Perspectiva. Florianópolis: UFSC, v.24, nº especial, p.81-100, jul./dez.2006.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais. **IX ANPED Sul**. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

QUADROS, Ronice Muller de. SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: Lagoa Editora. MEC, SEESP, 2006.

ROSA, F.S. literatura surda: criação e produção de imagens e textos, *In: Educação Temática Digital*, Campinas, 2006 Disponível. Em: <https://wp.ufpel.edu.br/fabianosoutorosa/files/2012/04/1629-6197-1-PB.pdf>.

SACKS, O. **Vendo vozes:** uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

SANCHÉZ, C. Vida para os surdos. **Revista Nova Escola**, set./1999.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SKLIAR, C.B. (Org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento. Um olhar em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. A. L. A. **Educação de Surdos no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 1999.

SOUZA, Regina Maria de; SILVESTRE, Núria; ARANTES, Valéria Amorim. **Educação de surdos:** pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2007. p. 207.

STROBEL, Karin. **Surdos:** vestígios culturais não registrados na história. Dissertação de mestrado em fase de elaboração, na área de educação GES/UFSC, 2008.